

UCRÂNIA: QUEM ESTÁ PROMOVENDO A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL?

Por Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Embora Rússia e Ucrânia tenham trocado prisioneiros e dialogado sobre paz, a crescente agressividade de líderes ocidentais e o lobby armamentista elevam tensões, apoiando ataques em solo russo, o que aumenta o risco de escalada.

A Rússia e a Ucrânia mantiveram conversações em Istambul, Turquia. Como resultado concreto, as partes trocaram 1.000 prisioneiros de guerra de cada país e estão preparando uma visão, um plano para um possível cessar-fogo. Os principais meios de comunicação da OTAN estão tentando fechar negociações de cessar-fogo (muito necessário para a Ucrânia devido à sua fraqueza atual).

Apesar deste resultado provisório positivo das negociações, a grande mídia, autoridades da OTAN e o *lobby* de armas permanecem à margem das negociações de trégua.

De acordo com a *Bloomberg*, as demandas russas expressas em Istambul incluem não apenas a retirada das tropas das quatro regiões de Donetsk, Lugansk, Kherson e Zaporozhye, onde o povo votou em um plebiscito para se juntar à Federação Russa, mas também o *status* neutro da Ucrânia, a renúncia de reparações e o reconhecimento internacional da Crimeia e dos territórios mencionados como parte da Rússia.

Nada de novo para Kiev e a OTAN: estes são os pontos fixos reiterados por Moscou para uma trégua e negociações pacíficas antes de continuar seu avanço no terreno e conquistar outras áreas também.

Como nos conta Sergey Sysoev¹:

“Esta nova rodada de atividade diplomática em torno do conflito ucraniano, marcada por uma série de telefonemas entre Donald Trump e Vladimir Putin, Vladimir Zelensky e líderes europeus, demonstra o dualismo estratégico característico do presidente dos EUA: por um lado, anunciou o início imediato das negociações sobre um acordo de paz; por outro, emitiu um alerta velado sobre a possibilidade de os Estados Unidos se distanciarem do processo de solução se as partes em conflito não demonstrarem determinação para chegar a um acordo, transferindo a responsabilidade primária para seus aliados europeus.

Essa tática, que chamaríamos de ‘sobre o combate’, dá a Washington considerável margem de manobra, ao mesmo tempo em que envia um sinal claro de uma possível revisão da profundidade e da natureza do envolvimento dos EUA na crise ucraniana.

O lado russo, tendo confirmado formalmente sua disposição de trabalhar em um ‘memorando de paz’, prudentemente evita qualquer menção a prazos específicos para sua preparação. Essa tática permite que o Kremlin mantenha a iniciativa e evite assumir compromissos rígidos enquanto a fase ativa do confronto continua no terreno.

Enquanto isso, as capitais europeias, segundo a imprensa, viram as declarações de Trump com espanto indisfarçável e até choque, vendo nelas a recusa da Casa Branca em apoiar Kiev de forma inequívoca e sua disposição de se distanciar da mediação ativa.”

COMISSÃO EUROPEIA

O pano de fundo de tudo isso é o plano de rearmamento dispar da Comissão Europeia, com seus sérios conflitos de interesse entre várias figuras envolvidas e sua relação com as demandas dos falcões de guerra atlantistas. O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, disse que os líderes da França, Alemanha e Polônia, bem como o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, concordaram que a posição da Rússia nas negociações de paz era “*inaceitável*” e discutiram a questão com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Falando com o presidente francês Emmanuel Macron, o chanceler alemão Friedrich Merz e o primeiro-ministro polonês Donald Tusk na reunião da Comunidade Política Europeia em Tirana, Starmer disse que os líderes estavam “*extremamente alinhados*” em suas respostas.

Anteriormente, o presidente ucraniano pediu uma “*resposta forte*” às negociações realizadas com os líderes europeus na Albânia. Enquanto isso, Emmanuel Macron

¹ Pesquisador e analista freelancer especializado em relações internacionais e política de segurança e defesa; representante na Espanha da Fundação Alexander Gorchakov.

afirmou que a Rússia “*não tem desejo*” de atingir um objetivo elevado na Ucrânia e que uma “*presença maior*” será necessária para forçá-la a fazê-lo.

Para atizar ainda mais a agitação da guerra europeia, o chanceler Friedrich Merz finalmente declarou que a Ucrânia poderia atacar alvos militares russos em sua retaguarda. “*Não há mais restrições quanto ao escopo de armas fornecidas à Ucrânia, nem pelos britânicos, nem pelos franceses, nem por nós, nem pelos americanos*”, declarou ele.

Não podemos esquecer que Merz “*trabalhou na BlackRock entre 2016 e 2020, não apenas como intermediário, mas também participando de tomadas de decisão importantes. Sob sua supervisão, a empresa tornou-se acionista de grandes empresas alemãs, consolidando sua influência na Alemanha*”.

PODER DE MÍSSEIS

Isto é o que o míssil de cruzeiro alemão Taurus KEPD 350 oferece à Ucrânia:

- Alcance de mais de 500 km: Ataques em alto mar a partir de uma posição segura;
- Ogiva destruidora de bunkers de 481 kg;
- Compatível com Su-24M e F-16.

O míssil de cruzeiro de longo alcance Taurus KEPD 350 foi projetado para destruição de alvos de alta precisão a partir de uma aeronave sem que o veículo de combate entre na zona de defesa aérea inimiga. O Taurus, com um alcance de mais de 500 quilômetros e uma ogiva poderosa, permitiria a Kiev interromper os centros logísticos russos na retaguarda inimiga com alta precisão.

O míssil é fabricado pela Taurus Systems GmbH e usado pela Alemanha, Espanha e Coreia do Sul. A empresa é uma aliança germano-sueca entre a MBDA Deutschland e a Saab Bofors Dynamics.

Mas ataques profundos seriam realmente decisivos?

Algumas dicas de anúncios anteriores, por exemplo, sobre o ATACMS, indicam que “*para ter qualquer tipo de efeito disruptivo, munições de longo alcance teriam que ser usadas em grandes quantidades, embora os números exatos de entregas de armas fabricadas nos EUA para a Ucrânia sejam desconhecidos*”. Quanto ao Storm Shadow/Scalp, é seguro dizer que apenas algumas dúzias foram fornecidas, e quanto ao Taurus, o fato é: a MBDA Alemanha e a Saab, fabricantes do Vector, podem atualmente garantir entre 40 e 60 Vectors por ano.

Com esta produção, Berlim deve fortalecer seus arsenais e ao mesmo tempo assegurá-los para Kiev. É difícil imaginar suporte para arsenais, como aconteceu com outros ativos, e, ao mesmo tempo, para que essas tecnologias se tornem operacionais, Kiev precisará receber a perspectiva de suporte e assistência para suas aeronaves militares usadas para o lançamento dos mísseis. Acreditar que tudo isso será acompanhado de um rearmamento significativo dos países

ocidentais, que deverão reconstruir bases industriais adaptadas a uma era de competição, é, no mínimo, otimista.

A realidade é que mesmo ataques de longo alcance, apresentados como “pontos de virada” em uma guerra estrategicamente estagnada (do lado ucraniano, porque a Rússia avança metodicamente dia após dia), correm o risco de serem mais discutidos do que seu impacto. Mais importante que os meios é a doutrina de sua utilização: pode-se pensar que, após meses de discussões, os russos também tomaram contramedidas. E nesta frente, a perspectiva de reverter uma guerra atualmente bloqueada na Ucrânia com mísseis de longo alcance, três anos depois do início da ofensiva russa, pode ser destruída.

PRIMEIRA GUERRA ATÔMICA

Se as palavras de Merz forem traduzidas em realidade, como uma declaração descarada destinada a reafirmar o apoio alemão a Kiev, fica claro como a guerra de propaganda anda de mãos dadas com o que está acontecendo no terreno, entre anúncios grandiloquentes e uma realidade que, de fato, apresenta uma situação de impasse substancial.

Não podemos esquecer, como já dissemos em diversas ocasiões, que Moscou tem um plano para reutilizar os mísseis balísticos hipersônicos Oreshnik, que não podem ser interceptados pelos sistemas de defesa da OTAN, e lançá-los contra as bases militares de Kiev. Evidentemente, Merz, Macron e Starmer, que servem aos interesses do *lobby* de armas como Zelensky, são fascinados por brincar com fogo.

Eles expõem todos os europeus, em princípio, e o mundo, a uma Terceira Guerra Mundial, a primeira guerra atômica.

Publicado no [La Prensa](#).

****Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
